

GRADES, ENSINO E EDUCAÇÃO?

Daniel Prim Janning

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Jovens e Adultos, Ensino de Ciências, Espaços de Privação de Liberdade

Não é preciso entrar em um presídio ou penitenciária para saber que elas são compostas de muros e grades. Diariamente, um preso é separado dos outros presos, dos funcionários e do mundo exterior por grades. Já os agentes prisionais devem zelar pela segurança dos demais funcionários, inclusive professores, que lá trabalham. Por esse motivo, foram instaladas nas salas de aula de algumas unidades prisionais, grades separando o professor e lousa dos alunos. E mesmo em unidades prisionais onde essa grade não existe, como no Complexo Penitenciário de Florianópolis, existe uma vontade vinda dos agentes de que ela seja implementada.

No propósito de ressocialização de um apenado, não existe método de ensino que se encaixa melhor ao sistema prisional do que a Pedagogia do Oprimido de Freire. A educação tradicional não é crítica nem dialógica, negando a diagnose da situação temporal, social e a libertação das amarras sociais de oprimido. A relação educador-educando tradicional é tida como uma relação de apenas uma via, em que o educador disserta sobre conteúdos, narra-os e os deposita no aluno. A verdadeira libertação e conscientização do estado social do homem, sua humanização como um ser pensante e social, só é possível através de uma educação dialógica, com o professor e aluno em posições de equidade.

A autoestima de um presidiário é baixa, ele não se considera inteligente, capaz e membro da sociedade. A educação deve mudar isso, a sala de aula deve ser um local de reflexão e liberdade para falar, pensar e se expressar. A grade é um lembrete constante da situação imutável em que se encontram. Se “educar” for fazer o aluno receber conteúdos diversos de matérias diversas, não relacionados ao seu cotidiano e/ou seu status de ser social, para passar em vestibulares, exames nacionais e afins, então a educação pode acontecer com grades. Mas a Educação vai além dos conteúdos, ela liberta o homem para pensar, para entender seu papel social, sua realidade e o porquê de sua realidade, buscar sua humanidade e sua natureza. Por isso, onde existem grades separando os alunos dos professores, sejam reais ou figuradas, o ensino pode ocorrer, mas a Educação jamais.

Mostrar o que é a ciência ou como ela funciona é um processo de formação do pensamento crítico. Em minhas experiências, após várias aulas expositivas tradicionais, percebi isso. Aproximar a ciência de algo humano, não mágico, era importante. Observei também a dificuldade dos alunos com a leitura e interpretação textual, e desenvolvi outra maneira de dar aula, utilizando textos de divulgação científica. Com a metodologia de leitura, discussão e escrita, houve um aumento da participação e interesse dos alunos, uma melhoria em suas capacidades de escrever respostas, e os alunos começaram a relacionar sozinhos o tema do texto ao seu cotidiano. Essa capacidade de montar relações mostra como o ensino de Ciências pode ser um método de decodificação da realidade em que o aluno vive e, logo, um caminho para a educação dialógica, crítica e libertadora que Paulo Freire preconiza.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Coleção Saraiva de Bolso, Editora Nova Fronteira. 2012.